

PROCESSOS DE FORMAÇÃO PELO ATO DE ESCREVER: REFLEXÕES DE TRÊS PESQUISADORAS EM EDUCAÇÃO E LEITURA

Lara Jatkoske Lazo¹
Débora Sara Ferreira
Eliane Aparecida Bacocina

Resumo: Neste trabalho, texto escrito coletivamente por três pesquisadoras-educadoras-leitoras, o olhar se lançará às pequenas particularidades que compõem os processos e trajetórias de pesquisa sobre leitura e escrita. Foco autobiográfico, com o qual se dispõem a olhar para si mesmas, para os sujeitos que aprendem... para os processos de leitura, escrita, formação, vida...

Experiência.
Experiências.
Ensinar. Aprender.
Pesquisar. Escrever...
Ler. Rer.
Poetizar. Viver.
Experiências de formação.
Formação pelo ato de escrever.
Encontrar. Compartilhar.
Buscar. Reaprender.
Palavra. Escrita.
Escrita-outra.
Escrita-movimento que movimenta a vida.
Complexas tessituras das relações humanas.
Invenção. Poética.
Reinventar.
Narrativa. Potência. Escrita coletiva;
Para uma escrita-outra, é necessário um olhar-outro.
Olhar que se desloca.
Espaços entre as linhas.
Movimentos inusitados.
Saberes clandestinos. Papéis não estipulados.
Alunos que ensinam. Professoras que aprendem.
Saberes que se entrecruzam.
Caminhos que se enredam.
Conhecimentos que se reinventam.
Leituras de mundo.
Devir-escritor.
Pontos que se interligam.
Contos que se tecem em união.
Essa escrita-outra que aqui apresentamos não tem por objetivos apresentar verdades absolutas...

¹ E-mail: larajlazo@yahoo.com.

O que pode uma escrita-outra? Quais “espaços” esta escrita-outra transpassa e transborda? Qual a potencialidade de uma narrativa enquanto processo de formação? Essas indagações surgiram, quando foi iniciado este trabalho. Afinal, qual a finalidade desta escrita coletiva?

Este trabalho foi idealizado e composto pelas leituras de mundo (FREIRE, 1989) de três educadoras-pesquisadoras que objetivam trazer à reflexão experiências de espaços educativos diversos, que vão desde a escola até ambientes não escolares, e que, por entre caminhos diversos e devaneios caminantes, escrevem, refletem, poetizam, criam...

Uma escrita-outra, uma outra forma de olhar as particularidades, um olhar-outro para o mundo. Talvez esse seja um elo entre as três pesquisadoras-educadoras que, por entre os espaços nos quais atuam, encontraram-se e planejaram esta narrativa.

Três experiências – um ponto em comum: a leitura de mundo que transborda significados e se faz significativa no processo de (re)viver, no processo de (re)inventar-se por meio da escrita.

Quem somos?

Sou mulher. Sou professora. Sou poeta.

Sou alguém que se inquieta

Com a injustiça e a desunião.

Por isso, uso minha caneta

Para escrever em linhas cegas

Que possam trazer mais pão.

O meu pão é o pão do conhecimento,

Do saber, do respeito, da paixão,

Do devir, do sonho, da humildade, da vida em toda a sua potência.

Prazer. Essa sou eu. Essas somos nós.

Educadoras-pesquisadoras em formação.

A partir da(s) narrativa(s), é possível delinear algumas reflexões no campo da educação, seja pela experiência de uma educadora-pesquisadora, a partir do trabalho com um grupo de poetas do litoral sul paulista que se autodenominam marginais, e que produzem um tipo de literatura que extrapola as bordas do pensamento “Ler, escrever e compartilhar poesia: práticas (DES) territorializadas, políticas, coletivas” (BACOCINA, 2016). Por meio dessas práticas os poetas (re) inventam; por meio da escrita, formas de existir, tal como a ostra que dá nome ao grupo, e que produz alguns dos “baratos” por eles inventados. Baratos que não cabem em suas linhas, e cujas produções seguem para além das margens em que eles se localizam. A própria educadora-pesquisadora, para compor sua Tese de Doutorado, não encontra outra forma de escrever que não seja a poética, por possibilitar essa transgressão do pensamento ao compor o texto.

Seja pelo olhar de uma educadora-pesquisadora que, por meio do trabalho com Literatura Clássica (CALVINO, 2007) na sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, e pela leitura e escrita dos alunos, reflete sobre o discurso, a formação do adolescente leitor e as leituras de mundo que ele possui a partir de obras diversas, numa pesquisa intitulada: “Literatura Clássica e práticas artísticas: narrativas e estudos de uma professora acerca da formação do leitor adolescente” (LAZO, 2018)²; que reflete sobre o desenvolvimento do adolescente leitor, pelas articulações e construções de sentido e ressignificação das leituras no espaço dialógico (BAKHTIN, 2015) “inter”, professor/alunos, a partir de obras diversas.

Para tanto, propõe-se o acompanhamento da experiência da leitura de clássicos na escola pública, com a interseção entre as atividades de leitura, escrita e práticas artísticas na formação

² A Dissertação de Mestrado intitulada “Literatura Clássica e práticas artísticas: narrativas e estudos de uma professora acerca da formação do leitor adolescente” foi defendida em 27 de agosto de 2018, às 9h30, no Instituto de Biociências do Câmpus da Unesp de Rio Claro, estando portanto, em processo de finalização.

do espaço subjetivo “inter”, entre essas práticas, na formação do aluno leitor, atentando na própria experiência de professora.

Seja através da experiência de uma educadora-pesquisadora que, por entre seus devaneios caminhanes, conheceu uma educanda do PEJA Rio Claro e encantou-se com sua forma de ler o mundo, problematizando a condição da mulher, o que se iniciou com o Trabalho de Conclusão de Curso “Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS” (FERREIRA, 2016), e que atualmente é um projeto de Mestrado, intitulado “Narrativas de vida, (re)invenção de si: um estudo acerca da condição da mulher na contemporaneidade” (FERREIRA, em andamento), e tem como campo empírico de estudo a educação de jovens e adultos –EJA, projetando o foco nas mulheres que ali se encontram. Duas questões são centrais neste estudo: levantar, e trazer à luz, elementos que indiciam a condição da mulher pensada por quem se encontra naquele lugar (sala de aula na EJA), particularizando a condição da mulher pensada e dita por ela mesma; e assumir a narrativa de vida, particularizando a narrativa escrita e os relatos orais, como base material de registro de vida, e, nela, a possibilidade de (re)invenção de si.

Onde essas pesquisas se tocam?

Dos nossos focos individuais de “recorte” da realidade, de uma realidade de inter-relação professor/aluno, emerge da experiência, daquilo “que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 26), não uma sensação ingênua ou inconsciente, porém, marcas de subjetividade diretamente do real concreto de vivência social, o que entendemos como um item a mais na base de análise de pesquisa, atribuindo-lhe mais “substância” de vida.

Partimos das relações humanas do real, com foco privilegiado no discurso oral e escrito. Cada uma de nós, por um ângulo com dupla polaridade: a da experiência de vida de quem olha e analisa, e da experiência de vida de quem recebe a orientação do educador. Nesse espaço entre os polos acontece a construção do discurso em toda a sua potência. Muitas vezes, nós nos deparamos com aquelas realidades que são tão particulares, que permaneceriam invisíveis em dados científicos observados a partir de concepções positivistas, porém, no modo como lidamos com elas, pela interação, manifestam-se como realidades componentes da totalidade do real. Delas e sobre elas escrevemos, como a observar aqueles espaços entre as linhas, no tecido de uma toalha. São pontos aparentemente invisíveis, mas componentes formadores essenciais da totalidade do concreto.

Três experiências, três olhares, três trabalhos que buscam perscrutar o objeto de pesquisa mais complexo do mundo: o ser humano. E conhecer o ser humano envolve amá-lo, apaixonar-se por ele, porque penetrar em suas infinitudes exige um olhar para si, para o ser humano individual e coletivo que somos, um olhar apaixonado pela própria vida. Apaixonar-se implica afetar-se intensamente por algo que acarretará mudanças na vida do sujeito. O afeto abre caminhos de constituição pessoal. Palavras que representam os sentimentos são palavras que envolvem mais a subjetividade, o campo da poesia, o campo mítico e da ficção, enfim, o campo do próprio ser humano, “espaço” inalcançável pela racionalidade. Vão mais além, porque por elas é possível identificar elementos determinantes das ações e aquisições de conhecimento dos sujeitos. E o fato de “paixão” e “afeto” serem termos tão repudiados no campo da pesquisa científica positivista que estuda o observável e concreto, não a prejudicam, porque não a deturpam, já que não são utilizadas tais palavras como lentes pelas quais transpassa a razão, sendo elas, portanto, apenas representações de um percurso “de onde, e por onde”, se dá a escolha de um objeto de pesquisa, percurso que envolveu, e envolve, a própria formação de sujeito antes de influenciar a sua metodologia de ensino e a sua pesquisa, como recurso formador e reflexivo da própria história do Homem enquanto ser humano:

[...] quer-me parecer que o afeto transcende a categoria de sentimento: é também uma categoria do conhecimento. Não me refiro aqui necessariamente

ao afeto recíproco entre educando-educador. Refiro-me ao afeto não como condição de possibilidade do conhecimento, mas ele próprio sendo uma categoria epistemológica. Pelo sentimento não só gosto como mas conheço mais. (NOVASKI, 1988, p. 30).

Essas “paixões” nos envolveram, instigaram, tiraram-nos de nossa zona de conforto, e trouxeram-nos aprendizados...

A possibilidade do trabalho que passa da mera responsabilidade “do fazer”, e nos transborda de sentimentos múltiplos, é a possibilidade de ampliar os campos de percepção, a possibilidade de aprender e trocar saberes, a possibilidade de... As três experiências de trabalhos distintos carregam dois fios condutores: a singularidade e as narrativas de vida. Dar margem à imaginação, transbordar de “espaços”, (re)sistir nas pluralidades do cotidiano, poetizar, escrever, (re)escrever nossa história é o que conduz esses trabalhos e nos inspira. A imaginação não precisa ser necessariamente incompatível com a pesquisa, visto que pode ser uma chave que abre novos ângulos de olhar e análise: "A história das descobertas científicas e técnicas revela-nos quanto o espírito humano carece de ideias originais e de imaginação criadora." (EINSTEIN, 1981, p. 82)

Este artigo possibilitou o diálogo entre as três pesquisas, entre as três autoras. Portanto, carrega a potencialidade do diálogo enquanto processo formador e transformador, traz a reflexão da importância das narrativas de vida, fio condutor deste trabalho, e nos coloca em diálogo com nós mesmas através da nossa escrita.

Este trabalho é, portanto, um processo inacabado, pois o diálogo é um infinito que se perpetua atravessando outros espaços, não cessa, não para, não morre! Continua a cada vez que se busca, a cada devir-palavra...

Pelos caminhos
Que se estendem;
Dos caminhos,
Se desprendem...
Viver e aprender;
Desaprender, reinventar,
Por onde errar?
Ensinar, aprender...
Aprender, ensinar...
Vai e vem que inspira,
Trilha pela experiência,
Pelo discurso que se cria,
No tecido de retalhos da vida.
Uma esteira da "poética"
Uma esteira da inventividade
Um pulsar...
Um toque...
Um encontro...
Um (ponto) de encontro...
Uma escrita. Uma escrita (outra)
Um encontro com a vida
Um (re)encontro com nossa história de vida
E como ficamos após este (re)encontro com nós mesmos?
Pode a escrita ser um diálogo?
Continua...

Referências

- BACOCINA, E. A. *Ler, escrever e compartilhar poesia: práticas (des) territorializadas, políticas, coletivas*. Tese. (Doutorado em Educação) – Unesp, Rio Claro, 2016.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2015. 341 p.
- BARROS, J. D. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141. 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3055/305526860014.pdf>>. Acesso em: 10 set 2016.
- BARTHES, R. Introduction à l'analyse structurale des récits. *Communications*, 1966, n. 8.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin; 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007. 285 p.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CONNELLY, Michael F; CLANDININ, Jean D; *Relatos de experiencia e Investigación Narrativa*. Barcelona: Laertes, S. A. de Ediciones, 1995.
- DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.
- DELORY-MOMBERGER, C. (2011). Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. *Educação em Revista*, BH, v. 27, 2011.
- EINSTEIN, A. *Como vejo o mundo*. 11. ed. Tradução de H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FERREIRA, D. S. *Ler e escrever entre pessoas pouco escolarizadas no contexto do SUS: uma análise de suas práticas cotidianas*. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso – UNESP, Rio Claro, 2016.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 28 ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- JESUS, C. M. *Quarto de despejo*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan. fev. mar. abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2016.
- NOVASKI, A. Mito e racionalidade filosófica. In: _____. MORAIS, R. de (Org.). *As Razões do Mito*. Campinas: Papirus, 1988. p. 25-30

RAGO, M. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.